

**DAS MANUFATURAS ÀS
MAQUINOFATURAS**

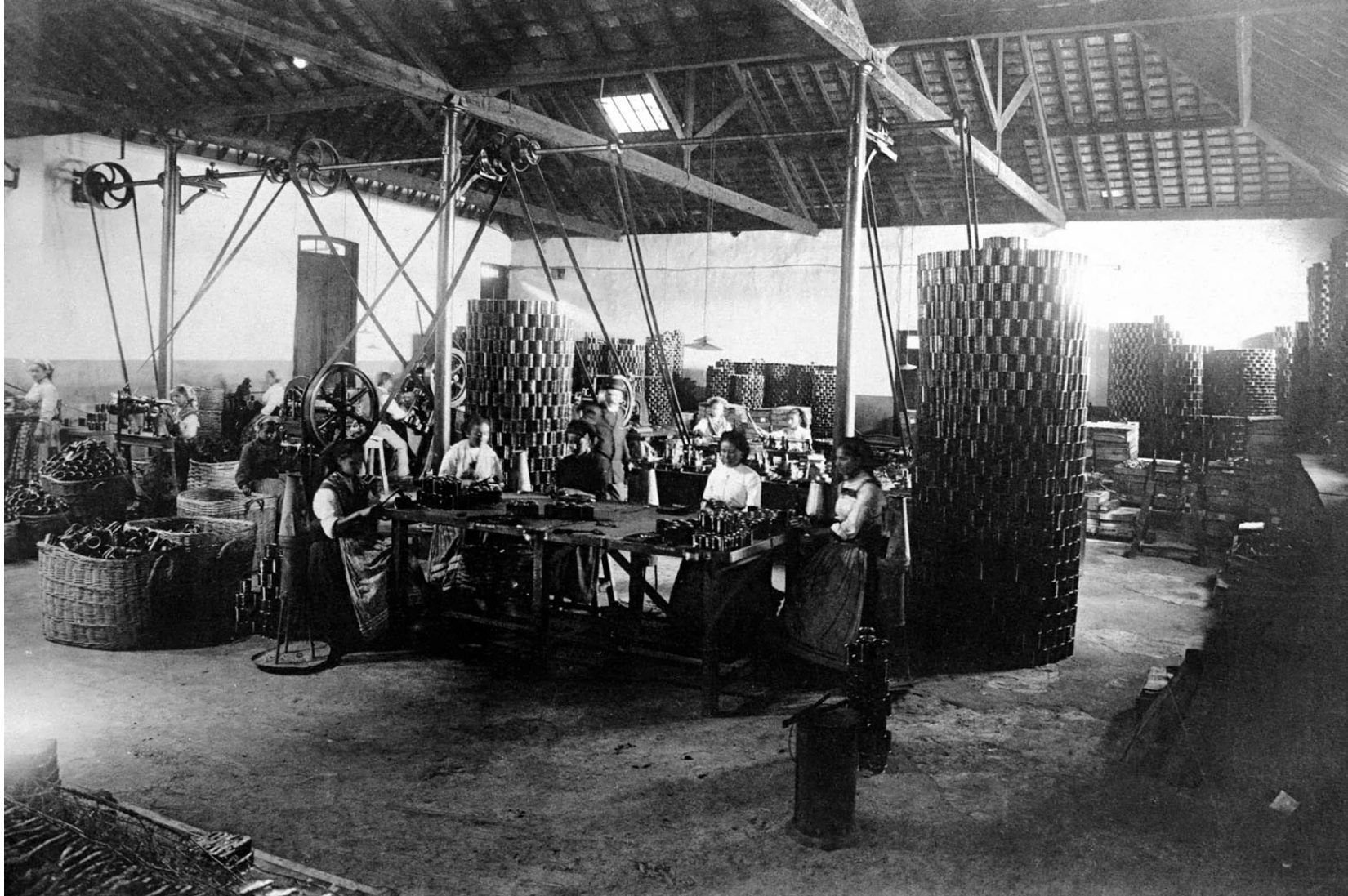
BRANDÃO, GOMES E C.^a

DAS MANUFATURAS ÀS MAQUINOFATURAS

A industrialização em Portugal só aconteceu depois de findas as lutas liberais, e o efetivo aumento da produtividade industrial só se verificou a partir de 1840. De forma progressiva os capitais privados começaram a surgir nas indústrias, contrariando o predomínio das instalações pré-capitalistas que gozavam de monopólios estatais e de capitais públicos. É nesta época que se dão os primeiros investimentos particulares em máquinas a vapor e se começa a acentuar a divisão técnica do trabalho nas indústrias têxtil algodoeira, lanifícios e fundição e o emprego da expressão força motriz. Contudo, e no essencial, Portugal continuou com uma produção de base artesanal. A este propósito convém referir, que o peso do atraso histórico no desenvolvimento das forças produtivas agrícolas era enorme, e as dificuldades do escoamento de uma produção industrial crescente mantinham-se, muito por força da inexistência de uma rede nacional de transportes, que só será ultrapassada com o posterior desenvolvimento do caminho-de-ferro. Por outro lado, a escassez de capitais acumulados não permitia uma alteração do paradigma da indústria nacional, que passava por operar transformações internas que conduzissem à remodelação das manufaturas em maquinofaturas. Esta ténue aposta financeira na indústria, agravada por uma forte especulação financeira e pela subida dos juros, impediam que os capitais existentes (em grande maioria de origem comercial), deposita-

dos nos bancos não fossem investidos no setor produtivo. Mas a velha questão da concorrência dos produtos industriais estrangeiros, oriundos de países mais evoluídos, foi sempre um forte obstáculo ao impulso da indústria portuguesa e uma aliada de peso das políticas protecionistas.

Apesar de todas estas vicissitudes e condicionamentos, o desenvolvimento da indústria em Portugal foi acontecendo, sobretudo nas regiões de Lisboa-Barreiro-Setúbal e do Porto-Guimarães, utilizando-se uma mão-de-obra na sua maioria não especializada, predominando a mão-de-obra feminina e infantil analfabeta, em condições de trabalho miseráveis, do nascer do sol a pôr-do-sol, e comuns à maioria dos países europeus mais desenvolvidos. Mas esse crescimento industrial verificado do último quartel do século XIX ao início da década de 30 do século XX, não diminuiu o atraso em relação a esses países, fruto da "circunstância de grande parte da produção ser ainda de base oficial" e, também, de uma economia baseada na agricultura, incluindo a própria indústria de conservas de alimentos, que como teremos oportunidade de verificar servia em boa parte para valorizar os produtos agrícolas. Os têxteis, os tabacos, a metalurgia, o vidro, uma parte da produção na moagem, e as conservas, predominavam no debilitado tecido industrial português.



Emílio Biel, Latoaria a Vapor. c. 1897